



DOS ESTUDOS AFRICANOS E AFRO-BRASILEIROS

A contribuição da edição 13 da Kwanissa

AFRICAN AND AFRO-BRAZILIAN STUDIES

The contribution of issue 13 of Kwanissa

ESTUDIOS AFRICANOS Y AFRO-BRASILEÑOS

La contribución del número 13 de Kwanissa

ÉTUDES AFRICAINES ET AFRO-BRÉSILIENNES

L'apport du numéro 13 de Kwanissa

Sávio José Dias Rodrigues

Doutor em Geografia (PPGEO-UFC); Professor da Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-brasileiros (LIESAFRO) e do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Maranhão, Brasil.

savio.jose@ufma.br

 ORCID : <http://orcid.org/0000-0002-4576-3621>

Amanda Ribeiro Bezerra

Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO), da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Paraná, Brasil.

amanda.ribeiro@discente.ufma.br

 ORCID : <https://orcid.org/0000-0001-7806-5689>

Os estudos africanos e afro-brasileiros têm se consolidado como tema importante e como referência a se pensar novos espaços da geografia, sociologia, história, filosofia, dentre outras ciências humanas e naturais, também. A publicação da décima terceira edição da Kwanissa coloca a revista nesse contexto, de debates em torno das diversas disciplinas e do debate interdisciplinar.

Além disso, esta edição apresenta outro aspecto importante: a sua publicação lembra o mês da consciência negra, ao trazer na sua capa, povos e comunidades tradicionais unidos, ratificando o compromisso da revista em trazer para o debate acadêmico sujeitas(os) historicamente ausentes desses espaços. A revista é fruto e força da construção coletiva dentro da Licenciatura em Estudos Africanos, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), uma graduação pioneira que tem o objetivo de formar professoras(es) para atuar na educação básica a partir de uma ruptura epistemológica, pensando o mundo a partir de matrizes filosóficas que foram silenciadas pelo racismo, capitalismo, eurocentrismo e etc. A graduação se conecta ao conjunto de legislações que foram sendo construídas nas últimas duas décadas e que foram respostas às demandas de movimentos sociais, sobretudo o movimento negro. Citamos a Lei nº

10.639/03, Lei nº 11.645/08, as Diretrizes Curriculares da Educação Quilombola, e das Relações Étnico-Raciais, dentre outras que podem ser elencadas aqui.

Num contexto geral, a Revista se insere nesse panorama. Mas devemos pontuar alguns elementos para pensar a publicação dessa edição, que passa por uma breve reflexão acerca do que vem sendo produzido no campo dos estudos africanos e afro-brasileiros e que a revista contribui.

Em primeiro lugar, o próprio contexto do curso, a Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-brasileiros, da UFMA. Desde 2015 o curso tem pontuado uma questão importante dentro da universidade, a saber a educação antirracista. Não que não houvesse antes, afinal, dizer isso seria corroborar com um apagamento histórico que o movimento negro de luta antirracista sofreu estruturalmente. Um exemplo disso, é o próprio Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB), um dos mais antigos núcleos com essa temática do Brasil e que é coordenado pelo prof. Dr. Carlos Benedito, o Carlão. O ponto é que a Licenciatura se tornou um marco para a luta por uma educação antirracista, na maior universidade de um dos estados mais negros da federação. Não só isso, ela vem a cada ano se consolidando como um espaço nessa luta, a partir da demarcação de espaços e protagonismos.

Essa consolidação pode ser exemplificada com os inúmeros acordos de cooperação que envolvem a Licenciatura com universidades nacionais e estrangeiras, sobretudo, no continente africano, além das cooperações com o próprio governo do estado, através da Secretarias de Estado da Educação (SEDUC), que apenas no ano de 2022 levou mais de 20 pessoas para Moçambique para realização de trabalhos de campos, oportunidade que envolveu a UFMA e as universidades locais do país e que receberam os estudantes e professores(as), com a realização de um seminário e de visitas técnicas. Essa é a segunda vez que a LIESAFRO leva seus estudantes, docentes e colaboradores em um trabalho de campo dessa natureza, sendo a primeira vez em 2018, quando a cidade de Praia, em Cabo Verde, recebeu uma equipe de 61 pesquisadores para uma série de atividades.

Além do trabalho de campo e das parcerias, temos a demarcação da Licenciatura propondo o título de Doutora Honoris Causa pela UFMA à Maria Firmina dos Reis, primeira romancista brasileira, que nasceu no município de Guimarães e que completa seu bicentenário de nascimento em 2022. Mulher, negra, maranhense e que foi agraciada com o título *in memoriam*. Essa proposição mostra o empenho da Licenciatura em trazer novos heróis e heroínas.

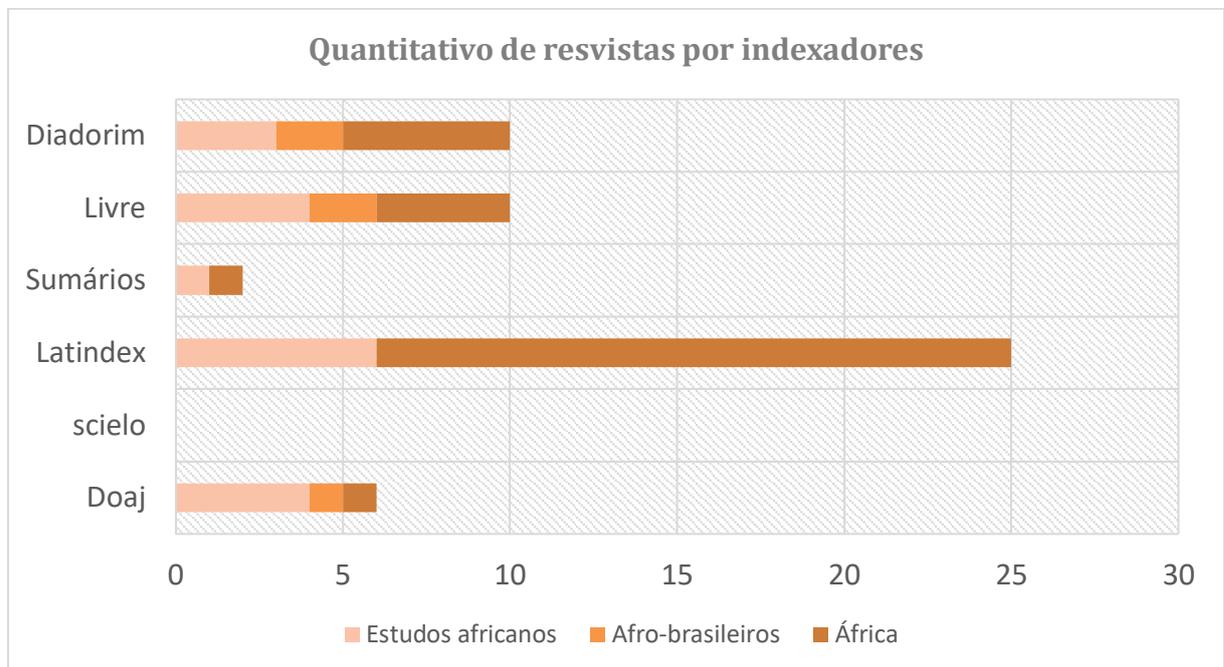
A promoção da semana interdisciplinar do curso, com os estudantes apresentando os trabalhos do “Eixo Interdisciplinar: políticas antirracistas no mundo” traz outro marco: a própria estrutura do curso é pela promoção de uma outra consciência, que se situa nas ações antirracistas e referências divergentes de uma sociedade hierarquizante.

Outro marco de relevante interesse é a publicação da revista. Sua sistematização enquanto periódico eletrônico, que buscava publicizar a produção feita por docentes e discentes da LIESAFRO se fez em 2018, com a publicação do seu primeiro número. Apresentando uma reunião de artigos que envolviam professores(as) do curso, colaboradores(as) que vinham produzindo e se empenhando na luta antirracista no Estado do Maranhão, bem como estudantes. Não se fixando na ideia de produzir apenas as produções internas, a revista também se empenhou em ser ponto de encontro de pesquisadores(as), professores(as), estudantes, militantes de movimentos sociais e etc., que estavam produzindo acerca dos estudos africanos e afro-brasileiros. Aqui ressaltamos o artigo em particular, da Professora

Doutora Anna Erika Ferreira Lima (*in memoriam*). Mulher, Negra, Geógrafa da maior qualidade e com uma grande contribuição na territorialização do NEABIs no IFCE e que teve a grande honra de ter sido amigo. Ao ser convidada para a primeira publicação da revista, ela sorriu e disse que era uma alegria pra ela. Publicou um belo texto sobre Extensão e formação, trazendo a experiência num quilombo da Serra do Evaristo, no Maciço de Baturité, Ceará. Seu trabalho trouxe uma interessante avaliação de um curso de formação, em que 35 mulheres foram atendidas (2018).

Com uma ampla publicação de pesquisas, relatos de experiências, artigos e resenhas, a Kwanissa foi se consolidando. De forma geral, a Kwanissa teve nesse período, desde 2018, uma prevalência de autores(as) que tinham filiação institucional sediada no Brasil, mas já com um grande espraiamento espacial, apresentando interesses de autores(as) de diversos países em pelo menos 3 continentes diferentes: África, América e Europa, mas com uma grande presença da América Latina. Isso nos apresenta conquistas no que diz respeito a uma grande procura pela revista, tendo sido acessada em todos os continentes e citada em diversas plataformas, mas que ainda nos apresenta alguns desafios, como, por exemplo, crescer no próprio continente africano, aumentando redes de publicação e de leitura nesse continente. O campo da editoração científica sobre estudos os estudos africanos e afro-brasileiros continuam com diversas restrições que podem ser evidenciadas com o quantitativo de revistas nos principais indexadores mundiais, conforme podemos avaliar no gráfico a seguir:

Quadro 1: Indexadores de periódicos científicos por termos de procura



Fonte: Elaboração própria, 2022

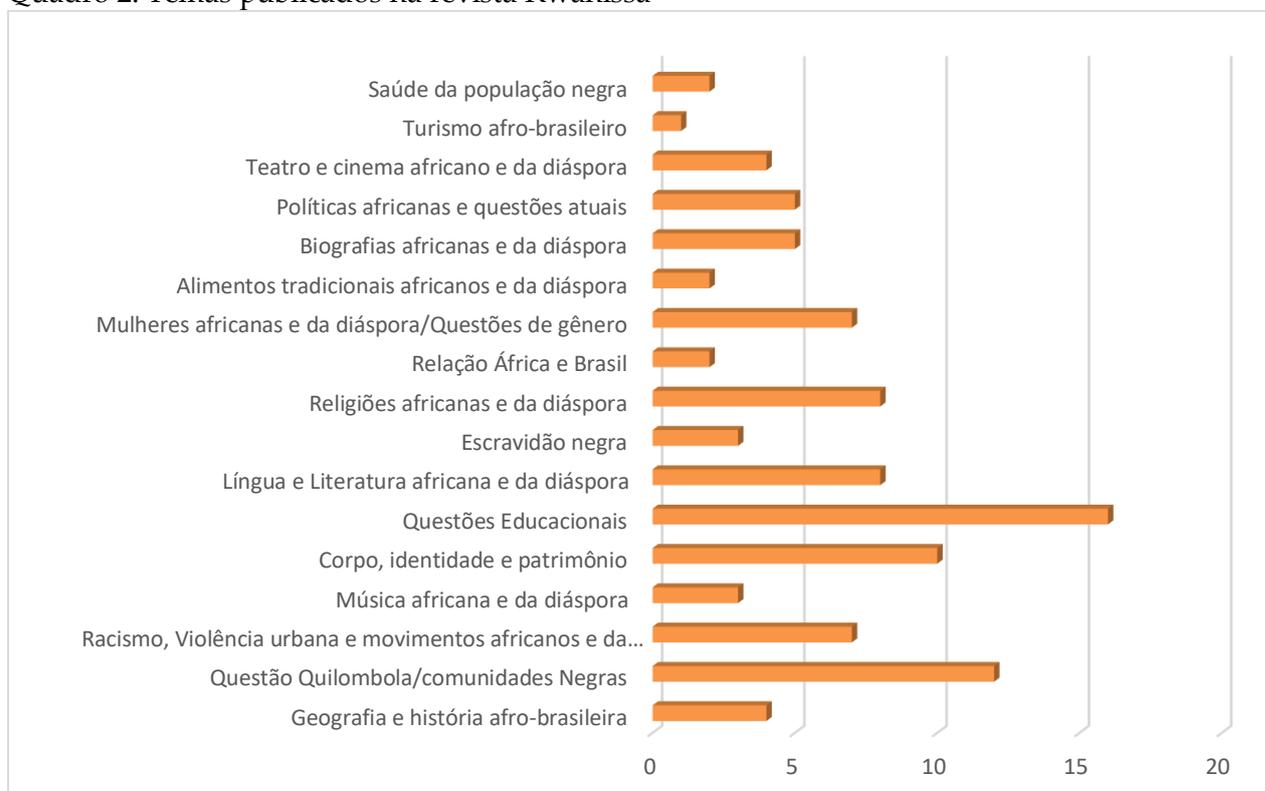
Dependendo do termo de procura, alguns indexadores não apresenta nenhum periódico indexado, o que nos coloca tanto as possibilidades e responsabilidades da Kwanissa. Logo no início de suas publicações, a Kwanissa conseguiu o registro no DOAJ, sigla para Directory of

Open Access Journals, logo após Sumários, Livre e Diadorim, mais recentemente Latindex. Importantes indexadores que disponibilizam e divulgam a revista enquanto mecanismos de buscas acadêmicas.

Outra questão que podemos levantar é em torno dos temas de pesquisa. Nesse sentido, a Kwanissa tem se empenhado em alargar os temas a serem publicados, não se restringindo às ciências humanas. A característica de interdisciplinaridade é uma marca, buscando sempre avançar nesse sentido, assim, temas transversais às disciplinas aparecem como foco dos debates levantados em grande parte dos artigos e textos publicados.

O quadro a seguir apresenta as principais temáticas publicadas na Kwanissa:

Quadro 2: Temas publicados na revista Kwanissa



Fonte: Kwanissa, 2022 (Organização própria)

As temáticas publicadas pela Kwanissa têm como foco as populações negras da diáspora africana e o próprio continente africano.

A partir dessa breve descrição e apresentação do que a Kwanissa tem sido para os estudos africanos e afro-brasileiros, assim como ela busca se inserir, apresentamos a edição de número 13, no seu 5º ano de existência da Kwanissa-Revista de Estudos Africanos e Afro-brasileiros, da Universidade Federal do Maranhão.

Nessa edição contamos com 16 textos, sendo 13 artigos, 2 relatos de experiência e uma resenha. O artigo de Paulo Anós Té, intitulado “Matriarcado *versus* patriarcado: Uma colisão epistemológica” inaugura a edição trazendo uma análise do contexto africano. Embora de maneira preliminar, no texto, o autor traz o endurecimento do patriarcado com o processo colonial.

O artigo intitulado “Racismo religioso e religiosidades: Uma análise do discurso de mestres de axé” de autoria de Melina Sousa da Rocha e Miria Gomes de Oliveira traz uma reflexão em torno do racismo religioso na vivência de mestres em saberes tradicionais de axé. Elas partem de uma série de entrevistas para avaliar e refletir, nas vivências relatadas, experiências racistas. Nesse sentido, elas apresentam três dimensões em que o racismo religioso se apresenta: a jurídica, a religiosa e a educacional.

Já o artigo “Reflexões das formas para uma concepção educacional e escolar antirracista e afrocentrada: Sociedade, cultura e forma racismo”, de Marcos Borges dos Santos Júnior, traz uma análise dos desdobramentos do racismo, partindo de questões como “Qual o conceito de cultura e sociedade?” e “Quais suas implicações?”, o autor busca o que ele chama de “(in)reflexão teórica”, no intuito de auxiliar na construção de uma escola afrocentrada.

O artigo “Literatura angolana e o mercado editorial brasileiro: a coleção de autores africanos, da editora ática” de Mbiavanga Adão Garcia, traz uma importante contribuição para entender a literatura angolana que é “consumida” no Brasil a partir da análise do mercado editorial do país. O texto de Raimundo Sousa Magalhães e Josenildo Campos Brussio, com o título “Educação para as relações étnico-raciais: Reflexões para uma via de luta antirracista a partir da Lei 10.639/2003 e da epistemologia decolonial no ensino” apresenta uma reflexão sobre a categoria raça, “apontando como a colonialidade contribui para a reprodução do eurocentrismo, em especial, no livro didático da educação básica” (MAGALHÃES; BRUSSIO, 2022).

Essa edição ainda conta com os artigos: “Expressões institucionais do racismo na educação pública: análises da implementação da Lei 10639/2003 em redes municipais de educação em Minas Gerais” de Antelmo Caetano de Paula; “Análise do perfil racial docente nos cursos de turismo em universidades públicas no Brasil” de Juliel Souza da Silva e Valéria Barbosa de Magalhães; “Discurso da mestiçagem como política colonial portuguesa: A intelectualidade cabo-verdiana e a importação da narrativa brasileira da miscige-nação (1936-1955)” de Igor Santos Carneiro; “Transcendendo as fronteiras coloniais: Por um ensino de literatura africana anglófona” de Ewerton Batista-Duarte e Diana Navas; ““Eu fui escolhido por Deus’: Memórias e musealidades no campo religioso em Imperatriz-MA”, de Polyana Almeida Frota e Rogério de Carvalho Veras; ““Eu? racista!?: Colonialidade, racismo e branquitude no Brasil” de Érika de Sousa Mendonça e André Soares da Silva; “Epistemologia feminista: Repensando a ciência a partir das margens”, de Letícia Silva Lima, Dryelle Souza Arouche e Iran de Maria Leitão Nunes; “Feministas negras influencers digital: Empoderamento feminino negro”, de Maria Nayara Oliveira Torres e Kelly Almeida de Oliveira. Também os relatos de experiência: “Pequeno manual afro-capixaba: propostas de afro-ações para aulas de História”, de Onildo de Souza Moraes e “Promovendo a segurança alimentar e nutricional e a alimentação saudável e sustentável em Cabo Verde”, de Paula de Azevedo Ramos, e a Resenha de Iury Aragonez da Silva, “A formação histórico-discursiva do movimento de negritude”, do livro “Negritude: usos e sentidos” de Kabengele Munanga.

Essa edição da Kwanissa se presta à qualidade e, para isso, contou com diversos avaliadores e avaliadoras, de várias instituições, a quem agradecemos profundamente. Essa qualidade está nos temas, no rigor metodológico, e na busca por referenciais que não estão fixados no racismo e na colonialidade.

Os textos, que tratam da educação para as relações étnico-raciais, religiões e racismo, colonialidade, experiências em torno de projetos, ou ainda, refletem sobre um feminismo negro e sobre a atuação de militantes feministas, buscam uma contribuição para as ciências e colocam os estudos africanos e afro-brasileiros como foco para se pensar as ciências, ao mesmo tempo que nos coloca a tarefa de pensar o cotidiano e ações.

Para a capa dessa edição, um desenho feito pelo Breno Filipe Muniz Lima. Ele que é filho de quilombola e quebradeira de coco babaçu e graduando em Geografia da Universidade Federal do Maranhão, representando a articulação do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Questão Agrária (NERA/UFMA) na Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão e parta do grupo de comunicação da teia. Suas palavras indicam o significado da imagem:

“Esse desenho representa um dos momentos mais importante da Teia de Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão. É um momento na qual a voz das comunidades tradicionais é escutada para denunciar e expor as violações e as injustiças sociais sofridas nas terras que tradicionalmente ocupam. Resistir é o caminho para o território livre”.

Essas palavras devem se tornar coro: “Resistir é o caminho para o território livre”.

Às leitoras e leitores, que seja uma leitura de inspiração, e que incentive o debate.

Kwanissa!